

**A GUERRA E A PAZ NA LITERATURA DO PRINCIPADO ROMANO: A CONSTRUÇÃO DE
HERÓIS EM DION CRISÓSTOMO, PLÍNIO O JOVEM E PLUTARCO E O MODELO DE
ALEXANDRE O GRANDE**

Andréa L. D. O. C. ROSSI – UNESP/Assis

Roma foi convencionalmente colocada em contraste com a Grécia, como conquistadora, rival ou parceira. Já a Grécia era mais do que isso. Como um termo geográfico ela abrangia todas as terras nas quais o grego era a linguagem predominante¹. Como Roma, a Grécia também se ressaltava por sua história e sua cultura. Diferente de Roma, contudo, os gregos detinham em sua memória o seu passado de supremacia política, e igualmente a sua grandiosa arte. Os gregos o fizeram com tal persistência não apenas por um orgulho ressentido, mas porque as suas realizações lhes proporcionaram uma unidade e um espírito de nação que compensava a sua dispersão no espaço e no tempo. Roma e Grécia foram exclusivas, mas como as duas maiores culturas de um único império, elas atraíam e repeliam uma a outra. Do lado grego um espectro de atitudes em direção a Roma oscilava da mau-velada hostilidade para a aceitação incondicional. Como outros autores de seu tempo, a posição de Dion Crisóstomo ficava entre os dois extremos.

Em todos os principais discursos do bitiniano Dion Crisóstomo (50-120d.C) há sempre a presença de Roma em suas entrelinhas. A sua atitude em relação a Roma une todos os seus discursos que se referem à sua época, mas é também um tópico com muitos aspectos. Há a cidade, que poderia ser considerada como o auge da beleza e conveniência ou o poço do vício². Como a capital de um império que representava o poder que governava muitos, ou por uma freqüente vaidade, do mundo conhecido. Sem nunca ter estado lá, muitos obtiveram o direito ao voto por serviços prestados ao exército ou por outros meios, de forma que Roma era o símbolo das mais altas camadas da sociedade. Era inseparável do sistema constitucional que um homem fosse simultaneamente primeiro cidadão e chefe supremo: Roma era o trono dos

imperadores, e era freqüentemente adorada por isso. Roma era caracterizada por sua própria história e cultura, e para os gregos até mesmo a linguagem e a literatura do poder governante era “romano”, não “latino”.

Outros gregos abraçaram as instituições e os modos de Roma sem vacilação: estes eram talvez a maioria dos ricos e dos moderadamente ricos, ansiosos por fortuna e posição. Gregos ansiosos por “reputação” foram atraídos inevitavelmente a Roma e as carreiras que oferecia e inevitavelmente incidiram na censura de compatriotas menos mundanos. Plutarco lamenta os gregos que alcançaram posições como senadores romanos ou administradores e se opõe à essa maré constante³. As atitudes de Dion Crisóstomo e Plutarco⁴ perante Roma, sob o reinado de Trajano, podem ser comparadas. Eles não representam uma escola de pensamento, e até mesmo quando eles estão em acordo não é necessariamente típico de uma classe. Dion Crisóstomo e Plutarco, um ou provavelmente ambos, foram eqüestres romanos. Esta é uma marca de uma educação elitista, e esta era uma das características das quais derivam as vantagens do governo romano. Tanto um como outro poderiam reconciliar o seu patriotismo grego com benevolência em relação a Roma e recebem favores de Trajano.

Dion Crisóstomo é mais mercurial do que Plutarco, e não é fácil penetrar em sua real visão. Dirigindo-se a Nicéia, orgulhosamente helênica, Dion Crisóstomo parece aludir a Roma como uma cidade fundada por desterrados, enquanto em Íllion (Tróia), antepassado mítico de Roma, ou Apaméia, uma de suas colônias, ele louva suas histórias e instituições⁵. É melhor, então, avaliar a sua visão sobre Roma nos discursos que são escritos para agradar uma audiência. A exaltação da cultura helênica por Dion Crisóstomo pode, porém, sugerir um propósito mais profundo, um desejo de atizar o fogo da resistência grega ao barbarismo. O seu alvo é não assimilar a cultura e a política romana, mas as distinguir.

No *Discurso aos Alexandrinos*, Discurso XXXII, as condolências de Dion Crisóstomo são com Roma. Os romanos são os benevolentes guardiões da cidade. Uma vez mais Nero é contrastado desfavoravelmente ao atual imperador: a paixão dos cidadãos por cítaras e carros

de corridas os fará um pequeno bem como Nero os fez. O presente do atual governante, “cultura e razão”, é um modelo melhor. A concordância com os governantes romanos não é nenhuma deslealdade com o passado heleno. No diálogo *Sobre a Beleza*, Discurso XXI, que pertence ao período do exílio de Dion Crisóstomo ele fala mais severamente sobre Roma do que sobre qualquer outro lugar.

Dion Crisóstomo despreza Nero, contudo, este não é um sentimento de transcurso. Outros gregos distintos, Plutarco, por exemplo, nunca falam do imperador, exceto para condená-lo.

Na construção dos ideais de governante, tanto Dion Crisóstomo como Plutarco assumem as características personificadas em um herói amplamente difundido no mundo helênico a partir do IV século a.C. É possível identificarmos estas visões a partir da análise dos primeiros discursos compilados sobre a monarquia. A tradição helênica e os modelos de virtudes são personificados na figura de Alexandre o Grande e contrapõe a tradição grega à romana.

No segundo discurso *Sobre a Monarquia*, Discurso II, é narrado um diálogo imaginário entre Filipe da Macedônia e Alexandre o Grande, no qual o jovem príncipe afirma que Homero é o melhor poeta para os reis, ou mais precisamente o único. A exaltação de Alexandre o Grande e a discussão sobre a monarquia mostram que o discurso foi direcionado a Trajano, quer ele tenha ou não sido pronunciado como um discurso diante do imperador. A data deste discurso é indeterminada⁶. A noção de Homero como um tutor de príncipes era antiga: Dion Crisóstomo habilmente combinou isto com outra tradição, a adoração de Homero por Alexandre, que tinha suposto expressar por sua emulação de Aquiles, como no prólogo para o primeiro discurso, no qual Alexandre é apresentado como um elogio a Trajano. Neste discurso Dion Crisóstomo aparece como Aristóteles em cujo interesse Felipe e Alexandre reconstroem Estagira (79)⁷. Como Monarquia e Tirania, no primeiro discurso, simbolizaram o contraste entre Trajano e

Domiciano, é possível ver aqui o mesmo contraste implicado no discurso de Dion Crisóstomo sobre o touro. Domiciano parece ser o mau touro, que

despreza e agride seu próprio rebanho, cede aos ataques de estranhos, e sacrifica a impotente multidão” (73).

Trajano é o bom touro,

corajoso e destemido contra animais, imponente, majestoso, hábil para defender e guiar o rebanho (74).

O Discurso III é o mais remoto dos quatro, embora certos detalhes possam ter sido significantes apenas para Trajano. Como o primeiro, é um discurso lido diante do imperador, e demonstra o grau de intimidade com Trajano tal o tom com que Dion Crisóstomo o profere. A primeira parte quase não esconde a sua lisonja ao imperador e em relação à defensiva do segundo, talvez incitado pelo ceticismo de rivais, sugere que os discursos mais prematuros endereçados ao imperador tenham sido entendidos da mesma forma. Igualmente, quando Dion Crisóstomo fala em geral do rei ideal, contudo, ele dá traços como os de Trajano. Dois destes são especialmente notáveis. Um é a descrição do trabalho do bom rei sobre o interesse de seus súditos e seu império (55-85): por isso também no primeiro discurso a imagem hercúlea de Trajano que significa levar a noção de um herói laborioso incansável pelo bem de toda a humanidade. Nesta mesma parte, Dion Crisóstomo faz uma impressionante comparação entre este homem e o sempre vigilante, o sempre ativo sol, cujo poder e filantropia o bom governante deve imitar (73-82). Outra característica do bom rei é aquela que particularmente se assemelha com o Trajano oficial, é a sua dependência em relação aos amigos (86-122) que foi também enfatizada no primeiro discurso e no *Panegírico de Trajano* de Plínio o Jovem. Dion Crisóstomo não declama ao imperador as “normas eternas”. É sobre um imperador existente, não um imperador ideal, sobre quem Dion Crisóstomo está pensando quando declara

o bom rei considera a caça uma excelente instituição, e tem um grande prazer em praticá-la; isso faz com que seu corpo se fortaleça, sua alma se encoraje, e o prepare para toda arte marcial(135).

Este mesmo item é tratado no *Panegírico de Trajano* de Plínio o Jovem como um atributo de Trajano. Neste período, a caçada era um esporte favorito na Espanha, particularmente na Bética, terra natal de Trajano e de Adriano e ambos eram notórios devotos desta prática esportiva⁸. Portanto, iguais em um detalhe aparentemente insignificante, o modelo de rei é moldado no próprio Trajano.

O Discurso IV como o segundo, é um diálogo entre Alexandre o Grande e Diógenes, o Cínico. Neste período, Alexandre tinha sido recém coroado e se prepara para sua expedição à Pérsia, tendo lido um discurso de Diógenes no qual o verdadeiro rei deve ser seu próprio governante e obter domínio sobre seus impulsos antes de tentar conquistar outros homens. Uma vez mais, a apresentação da figura de Alexandre sugere o reinado de Trajano. Isso pode demonstrar que a referência à campanha para o Oriente de Alexandre o Grande sugere a alusão à Guerra Pártia. Se este discurso foi ou não proferido perante o imperador pode ser colocado em dúvida, porém ele foi proferido perante um auditório grego⁹. O amor à glória criticado pelo Diógenes de Dion Crisóstomo foi sugerido por alguns por ter sido o motivo que levou Trajano a empreender sua expedição ao Oriente. Trajano estava consciente de estar seguindo os passos de Alexandre o Grande. Contudo, a referência de Alexandre o Grande inevitavelmente evocou sua mais notável campanha, não necessariamente a campanha de Trajano para Pártia.

Em relação ao conteúdo, o Discurso IV não se difere dos outros três discursos, exceto porque este discurso define o rei ideal mais negativamente do que positivamente. A primeira parte argumenta que o verdadeiro rei não vai para guerra simplesmente para sua própria glória. Ele é um pastor de seu rebanho, e

a verdadeira tarefa de um pastor é a segurança e a preservação de suas ovelhas(44).

Esta metáfora não está distante da metáfora do touro no Discurso II

hábil para defender e conduzir o rebanho

Os discursos *Sobre a Monarquia* expressam a esperança de que o imperador seja guiado por eles: o mito sobre a monarquia relatado por Dion Crisóstomo no primeiro discurso é um “conto sagrado e benéfico”, e seus discursos sobre o rei ideal são apropriados para um imperador. Isto sugere a Trajano que fique atento para aprender com os gregos:

o que você está dizendo eu não sei, mas eu amo você como a mim mesmo

Dion Crisóstomo não pretendia questionar as regras vigentes, especialmente quando seus ouvintes estavam arredios ao ouvir falar de suas relações com o imperador.

Nos discursos está implícita a idéia de Dion Crisóstomo na sucessão dos impérios. É transparecida a idéia de que um império antecessor tinha sido dominado pelo próximo por causa de sua riqueza, e desde que a Macedônia foi conquistada por Roma, Dion Crisóstomo sugere que Roma também possa ser destruída por seu fardo de luxo. Como Plutarco, Dion Crisóstomo contempla com desânimo a possibilidade de Roma ser subjugada¹⁰.

Embora Dion Crisóstomo possa ter afiado o seu ataque à decadência romana para agradar os ouvintes atenienses, ele se refere à moralidade romana, não ao seu poder; quando o poder romano estiver livre de vícios, será o mais competente para governar o mundo. Longe de exaltar a Grécia sobre Roma, Dion Crisóstomo considera desafortunada a clássica cultura dos atenienses, já que ela não os fez homens melhores (26, 28). Não é necessário suspeitar de ironia a atitude de Dion Crisóstomo: sua posição segue duas de suas melhores visões, aquela de que a força só vem da virtude, e aquela de que a arte da virtude é mais preciosa do que todas as outras artes¹¹.

Como é mostrado nos discursos *Sobre seu Exílio* e *Sobre a Riqueza*, Dion Crisóstomo não acha nada contraditório em lamentar a queda de Roma e desejar a preservação do governo romano. Dion Crisóstomo fala como um grego e lamenta que

os gregos não foram anteriormente escravos, mas agora o são geralmente e desprezivelmente(134)

Suas críticas contra a prevalecente imoralidade romana respiram o espírito da “nova era” de Trajano, na qual a extravagância e o vício de outras épocas foram banidos na atmosfera tonificante da Roma renascida. A *Domus* imperial não era mais uma casa para concubinas, mas a residência de uma casta imperatriz¹². Dion Crisóstomo clama para que a prostituição seja banida como uma ameaça para a casa, e as cartas de Plínio o Jovem, um respeitável senador, prontamente celebra os louvores das felicitações de um casamento¹³.

Dion Crisóstomo não mostra entusiasmo em relação a Roma como Plutarco o faz. Em nenhuma parte fala explicitamente das bênçãos da paz romana, do apoio romano aos pensamentos políticos nas cidades subjugadas, da segurança de viagem ou da beleza de monumentos renovados. Mas não era por natureza caloroso ou entusiasta. Normalmente afiado, seco, e brusco, Dion Crisóstomo pode ocasionalmente animar-se quando seu tema é de um gênero que dá prazer intelectual a um estóico: a carruagem do cosmos, a onipotência de Zeus, os trabalhos de Hércules. De tal homem não se poderia esperar a exaltação da sombria deusa Roma, ou ao crescimento lírico sobre as defesas das fronteiras ou à cidadania romana.

A visão de um Dion Crisóstomo ou de um Plutarco pode não ser representativas mais do que parte de uma fina camada da sociedade em um pequeno espaço de tempo. Em um mundo em que se mede pela riqueza e pela educação, porém, a sua classe era influente sobre muitos e o mundo romano estava no auge de seu poder político e militar. É verdade também que estes mesmos autores, como os seus contemporâneos romanos, falavam de uma época na qual “liberdade e o principado” eram a sua síntese¹⁴ e a literatura era dirigida por um grupo de “amigos” da aristocracia romana, entendendo esta aristocracia também composta por aquela

provinciana que passou a defender o poder romano em suas províncias natais. Imperadores posteriores, como Adriano, provavelmente foram menos sensatos, e posteriores circunstâncias como a escassez, o aumento de tributos, ou as guerras de pretendentes rivais, foram alguns dos fatores que reanimaram velhas queixas e um espírito de oposição ao poder imperial.

A tradição central do helenismo, contudo, orgulhoso de sua própria cultura e ainda aberto aos méritos de Roma, persistiu da época de Dion Crisóstomo e de Plutarco até o início do III século. Na primeira metade deste século, Dion Cássio de Nicéia, talvez descendente de Dion Crisóstomo, se tornou um cônsul romano e escreveu a história de toda a Roma em grego seguindo os moldes de Tucídides¹⁵. Quando a ordem foi restabelecida no século seguinte, a antiga oposição entre a Grécia e Roma foi transformada: o helenismo teve um rival mais mortal do que os valores materiais de Roma, um valor espiritual da recente cristandade triunfante. Da mesma forma que a Grécia havia sucumbido uma vez sob o poder romano, capturado o seu indomado caçador com sua arte, agora seus espólios criaram uma cultura cristã.

¹ SECUNDUS, Caius Plinius Caecilius (Plinius Minor). *Lettres*. trad. A. M. Guillemin. Paris: Belles Lettres, 1955. (bilíngüe latim-francês). X.40.3.

² CHRYSOSTOMUS, Dion. *Discourses*. trad. J. W. Cohoon and H. Lamar Crosby. 4. ed. Cambridge: University Press, 1932 - 1946. v. I-5. (bilíngüe grego-inglês). XXVI. 6-13.

³ JONES, C.P. *The Roman World of Dio Chrysostom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978. p.116.

⁴ PLUTARCH. *Moralia*. trad. Frank Babbitt. Cambridge: Harvard University Press, 1989. (The Loeb Classical Library) (bilíngüe grego-inglês).

⁵ CHRYSOSTOMUS, Dion. *Idem*. XXXIX.1, Nicéia; *Discurso* XI.137-138, Ílion; *Discurso* XLI. 9-10, Apaméia.

⁶ ARNIM, H. von. *Leben und Werke des Dio von Prusa*. Berlin: s.ed., 1898. p. 407.

⁷ CHRYSOSTOMUS, Dion. XLVII. 9.

⁸ SECUNDUS, Caius Plinius Caecilius. *Panegírico de Trajano*, 81.

⁹ MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os limites da helenização. A orinteração cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. trad. Cláudia M. Gama. Rio: Jorge Zahar, 1990.

¹⁰ JONES, C.P. *The Roman World of Dio Chrysostom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978. p. 124-125.

¹¹ *Idem*, p. 129.

¹² Suetone, C. *L'avie des douze cesars*. Paris, Gallimard, 1975. *Domicien*, 22.

¹³ SECUNDUS, Caius Plinius Caecilius. IV.1 e IV.19.

¹⁴ OLIVEIRA, Andréa L. D. *Poder e Mito: o Principado na perspectiva da literatura latina*. Assis, UNESP, 1996. Dissertação de mestrado.

¹⁵ JONES, C.P. *The Roman World of Dio Chrysostom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978. p. 131.